

Nº 100 • 16 a 22 de Fevereiro de 1995 • 380\$00

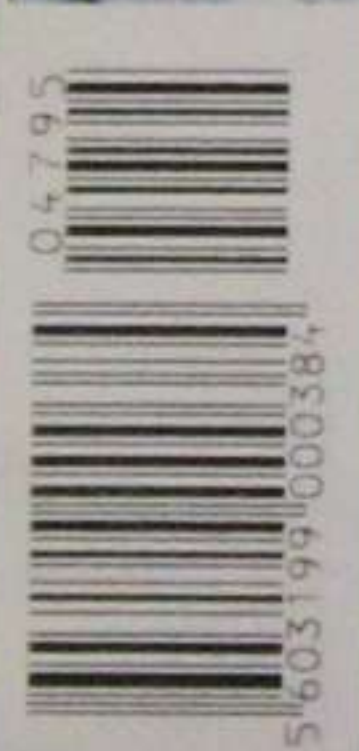
VISÃO

OS SEGREDOS
DO CÉREBRO



VENHA O PSD E ESCOLHA

Fernando Nogueira e Durão Barroso disputam palmo a palmo a liderança do partido do Governo. As histórias de uma prova dos dois que vai ter a finalíssima no Coliseu de Lisboa



ÁCORES420\$00 MADEIRA400\$00 ALEMANHA8 DM BÉLGICA150 FB FRANÇA28 FF SUÍÇA9,5 FS

Os últimos românticos

O ano quinze do Fantasporto, um festival que mudou de rumo. Para melhor.

TERESA CARMO

Entendamo-nos. Está absolutamente consumada a viragem programática que o Festival Internacional de Cinema do Porto iniciou com maior convicção nos últimos três anos. Dizer que o título Fantasporto não passa dum eufemismo é um disparatado erro de perspectiva. A raiz

Levou o Grande Prémio *Shallow Grave*, um thriller do britânico Danny Boyle, internacionalmente consagrado com o análogo europeu de *Cães Danados*, de Tarantino. O velho motivo de como o dinheiro pode destruir amizades, encenado no espaço de um apartamento moderno (com móveis antigos e paredes de cores vivas), é aqui cozinhado em tom de comédia negra

Actor e o Prémio do Público. Justíssima atenção, de resto, a um filme de atmosfera intensa e verdadeiramente inclassificável. Esta estranha história do olhar de uma criança pousado no assassino que acabou de matar-lhe a mãe, no preciso momento em que este pára para trincar um chocolate, é formalmente brilhante. Uma banda sonora de excepção, bem enquadrada e melhor filmada, demonstra a ironia amorosa que permite a identificação com o mau, o matador. Anos mais tarde cruza o olhar com uma lindíssima mulher, deficiente mental, sentada no jardim de um manicómio. E aposta que a pode identificar. Raptada com o intuito de a liquidar. Mas a rapariga, que não fala nem ri... apenas gosta de chocolate. Essa obsessão acabará por perdê-lo, evidentemente. A construção dos ambientes faz-se, não por acaso, em igrejas em ruínas ou palacetes abandonados, onde o foragido pernoita, criando ambientes barrocos até mais não.

Chega a fazer inveja ver como a poucos quilómetros daqui a energia grassa sem complexos, de mãos dadas com a mais alta exigência comercial e cinematográfica. As outras presenças espanholas confirmam-no. *Justino*, *Un Assassino de la Tercera Edad*, uma divertida comédia negra sobre um «puntillero» (responsável pelo golpe certo que põe fim misericordioso ao touro depois de lidado) que, a braços com a reforma, desata a executar a sua arte em seres humanos, tem poucos meios mas muita garra. *Dá-me Lume* é a primeira obra do galego Hector Carré, thriller sofisticado e romântico muito bem interpretado por Ana Otero e Camilo Rodríguez, que não maça o espectador nem por um minuto. Eis uma constelação que promete.

O EFEITO TARANTINO A aura do cineasta da moda, Quentin Tarantino, pairou sobre boa parte do festival, apontando curiosamente para aquilo que é a grande característica deste fenómeno. Não é certo que fique na história, mas sendo o seu trunfo a capacidade de fazer confluir as marcas de uma contemporaneidade sem tréguas, Tarantino esteve inconfundível, capaz de frequentemente roubar a singularidade dos projectos. É assim em *True Romance*, o primeiro argumento que o realizador conseguiu vender, antestreado ali, na véspera da exibição comercial, espécie de *Reservoir Dogs* on the road, onde o romantismo desbragado convive com uma violência amorosa e sempre a abrir. Quem realiza é

Tony Scott, irmão de Ridley, que assina por exemplo *Top Gun*, o filme que Tarantino himself interpreta do ponto de vista homossexual, numa rábula hilariante que arrebatou *Sleep with Me*. Este, realizado por Rory Kelly, é um vibrante tratado do que pode ser o mundo afectivo da geração inclassificada com um X, sucedâneo honesto do espírito de *Os Amigos de Alex* para os que andam na casa dos 25-35 anos.

A pescadinha de rabo na boca não acaba aqui. O protagonista é Eric Stoltz, definitivamente o actor-sensação do momento, que aparece também em *Killing Zoe*, (a competir simultaneamente na secção oficial e semana dos realizadores), dir-se-ia que vestido com o guarda-roupa de *Sleep with Me*. Porém, este thriller violento que segue um gang que assalta bancos em Paris, é uma decepção. Dirigido por Roger Avery, um velho amigo de Quentin, nada acrescenta e apenas (se) aproveita dos signos do planeta Tarantino. Quem aproveita também, com alguma lata, é *Fresh*, cujo cartaz ostenta em letras garrafas «do produtor de *Reservoir Dogs*» (produtor associado). Mas aqui há ideias próprias, do estreante Boaz Yakin, que filma com uma precisão impressionante o quotidiano de um miúdo negro, atilado traficante de droga que só pode contar com o cérebro para escapar à lógica do gueto. Um belíssimo filme.

SOB O SIGNO DO ROMANTISMO A outra ideia forte que percorreu todo o Fantasporto em filmes da mais diversa proveniência foi estranhamente pouco referida, mas dominou claramente o espírito da produção: 90 afigura-se uma década romântica até à medula. O diapasão afinou logo com *A Máscara*, que abriu o Festival, deliciosa comédia-cartoon assumidamente filiada no tom delirante de Tex Avery. A impertinência de Daffy Duck e as graçolas de Bugs Bunny estão lá todas, bem coadjuvadas pela máquina de efeitos da Industrial Light and Magic e pela soberba interpretação de um Jim Carey capaz de tudo para capturar a atenção da garota. Encontrámos ainda esse desespero poético pelo ser amado nos já citados *Sleep with Me* e *La Madre Muerta* (aqui na versão doentia), no urbaníssimo *Shopping*, realismo social a ferro e fogo pelo estreante britânico Paul Anderson; no herói apatetado de melão de *Dá-me Lume*; nas estridências do mau gosto de *Beg*, uma mistura surrealista do horror B com um burlesco de extracção duvidosa, mas com alguma graça gráfica em particular na caracterização do inspector Stiltskin, babado pela assassina; e finalmen-

te, no seu máximo corolário que foi o estu-

pendo *Jiang-Hu Between Love and Glory*. Aqui já o Fantasporto tem pergaminhos, cimentados com a revelação do melhor cinema de Hong Kong, em particular com o tríptico vertiginoso de *A Chinese Ghost Story*. Jiang Hu volta a combinar os magos da espada, velocidade estonteante e tradi-

mas desta vez autonomiza-se dos seus criadores para os vir atazanar sem descanso. As vítimas são o próprio Wes Craven e a atriz do primeiro filme, agora com um filho e um casamento a caminho da viuvez. Carpenter regressa em forma com um poderoso ensaio sobre o domínio colectivo das massas por um best-seller capaz de al-

terar por completo a realidade. Ambos vão ter distribuição comercial, assegurada por acordo entre a Cinema Novo e a Ecofilmes.

As secções paralelas e retrospectivas foram este ano do maior acerto. Por exemplo, a V Festa do Cinema. Este ano foi dedicada aos realizadores que o festival deu a conhecer ao longo dos seus quinze anos: Tarantino, Joel e Ethan Cohen, Lynch, Greenaway e Cronenberg. A lista ilustra suficientemente o gesto de revelar os cineastas mais marcantes da actualidade, mesmo quando não passam de girinos dos grandes meios de produção. O Grande Prémio deste ano, *Shallow Grave*, comprova-o de forma exemplar. Mas também a mostra das *Melhores Primeiras Obras Portuguesas, 100 anos de*

Monstros e outras Monstruosidades e os preciosos *Pioneiros do Cinema Francês*. As duas últimas, restos amargos da programação concebida para o centenário do cinema, ensombrados pelo desaparecimento do Centro de Audiovisuais, um projecto da Cinema Novo, que por falta de apoios teve de fechar as portas.

Um orçamento estimado pela direcção (Mário Dorminski, Beatriz Pacheco Pereira e António Reis) em 60 mil contos, fora patrocínios e prestações de serviços, permitiu outra vez a festança, já assegurada por mais três anos, através do protocolo assinado pelo IPACA. O fecho em *O Mundo Desbotado*, de Edgar Pêra, e *Death and the Maiden*, o último Polanski, foi de bom-tom.

A saudar foi o facto de 80% dos filmes serem primeiras e segundas obras. A apontar, apenas a indistincção equívoca entre a Selecção Oficial e a Semana dos Realizadores, esta uma iniciativa que vai no quinto ano e que este ano muda de nome, precisamente para reforçar para onde vai o Fantasporto. Para uma abertura, as mostras mais abrangentes, para avivar a memória ou simplesmente mostrar novos mundos ao mundo do público menos especializado, que se quer recuperar. Entre a descharacterização (do género fantástico) e um papel didáctico de divulgação e revelação, esta selecção opta claramente pelo segundo. O que não é de pouca monta, numa cidade com falta de infra-estruturas culturais, como o Porto. Quanto à nobre missão da des-centralização cultural e ao raro efeito de «descaudalização» da Europa, estamos então conversados. ■



Sleep with Me

ção mágica chinesa com um romantismo exacerbado, ficando no entanto um pouco aquém dos outros, que fixaram os limites nos 350 km/hora e agora ninguém quer a coisa por menos. Pedem-se que ultrapasse estes modestos 200.

O RESTO DO MUNDO As circunstâncias que escapam ao eixo Atlântico estiveram pouco mas bem representadas. *Zinat*, do Irão (depois de Kiarostami, uma proveniência definitivamente a fixar), vale pela forma depurada como mostra a secundarização social das mulheres nos países islâmicos. De mulheres fala também o tunisino *Les Silences du Palais* (menção especial da Câmara de Ouro em Cannes), um filme de dulcíssimo pudor sobre a vida das empregadas para todo o serviço num palácio de sultões em tempo de crise.

Assim descrito, parece ter tido menos fantástico o Fantasporto. Teve-o, mas efectivamente não foi o que de mais relevante por lá andou, à excepção dos dois casos mais previsíveis. Curiosamente, ambos apontam para o facto de o terror já não ser o que era. Menos a cabidela gritante a inundar a jorras a adrenalina dos espectadores, e muito mais o efeito das realidades virtuais e da interactividade incontrolável, com a contaminação horrífica do real pela ficção. Sinal dos tempos. Refiro-me, claro, ao óptimo *Wes Craven's New Nightmare in Elm Street* (Prémio para o Melhor Argumento), do criador da série, e *In the Mouth of Madness*, de J. Carpenter (Prémio da Crítica). Freddy volta a atacar na mais vulgar das nossas vulnerabilidades, o sono,



Shallow Grave

Fantas reporta-se ao termo fantástico (do dicionário, «extraordinário», «inventado») e este certame foi-o sem a menor dúvida, mostrando a mais equilibrada selecção dos últimos anos.

Divididos pelo Auditório Nacional Carlos Alberto, Cinema do Terço e Instituto Francês, um cômputo final avaliado em cinquenta mil espectadores, a verem por junto 120 filmes (maioritariamente não legendados), a uma média de 15 projecções por dia, deve querer dizer alguma coisa. O palmarés é pela primeira vez conclusivo relativamente aos caminhos que este festival tem ambicionado. A saber, transformar uma ocasião para mostrar aos fanáticos da *sanguinária* as mais inovadoras produções do género, numa oportunidade para ver o melhor que a imaginação posta na tela pode oferecer, independentemente de espartilhos maticados. Ou seja, oferecer bom cinema, venha ele de onde vier.

de suspense irrepreensível, onde a novidade é a eficaz mistura do déjà vu com a imprevisível morbidez de gente supostamente civilizada. Três amigos que dividem casa, procuram um quarto locatário e, após requintada selecção, sai-lhes um parceiro que morre de overdose no dia seguinte. Com a peculiaridade de deixar uma mala, contendo uma perturbante quantidade de libras. Um médico de Glasgow que nunca escreveu nada para cinema, hélas!, experimentou o cocktail explosivo que pode resultar da combinação de sensibilidades epidérmicas com situações-limite, pontuadas com assiduidade pelo célebre humor britânico. Um argumento sem mácula e o agrado geral são o resultado.

O MATADOR O filme que mais engraxado saiu do Fantasporto foi, contudo, o espanhol *La Madre Muerta*. Teve direito aos prémios para a Melhor Realização, Melhor